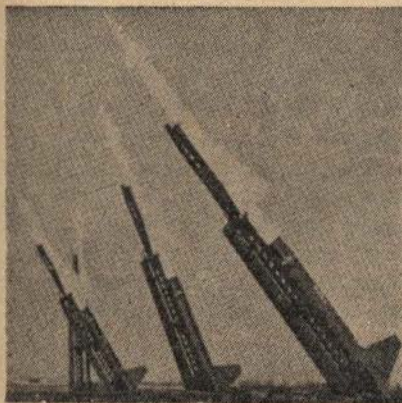


GUERRA E TÉCNICA

- Gen GROSSEGEORGE (Revue Militaire d'Information, março de 1964)
- Tradução do Ten-Cel Inf PAULO GAUCHO LEAL DE OLIVEIRA
MESQUITA — Oficial de Estado-Maior

INTRODUÇÃO

O material sempre contribuiu para o êxito dos exércitos. Os outros fatores principais dêste êxito podem também depender do armamento. Com a qualidade dêste, interfere, com efeito, a quantidade utilizável em proporção com os efetivos e o valor daqueles que os empregam, função da instrução da tropa e dos quadros.



Além disso, a qualidade de seu emprêgo (estratégia e tática) não poderia ser separada da vontade de servir dêle (fôrças morais). Não pode haver real contradição entre o armamento e as fôrças morais; para vencer, precisa-se de ambas. As discussões a êste respeito são, entretanto, recentes; elas foram subestimadas pelos danos da guerra de aperta-botões, impressionados pela importância enorme do fator material. Os progressos científicos e técnicos conduziram a uma verdadeira revolução no armamento, a ponto de

se hesitar ainda, quinze anos após o surgimento da bomba atômica, sob a forma que tomará o combate nuclear. Mas, para os contemporâneos da adoção das armas de tipo rápido, ou mesmo remontando ao tempo da pólvora para o canhão ou da besta, houve mais que uma revolução.

O que caracteriza verdadeiramente nosso tempo, após a guerra de 1914/18, e sobretudo após a última guerra, é a aceleração do ritmo do progresso científico e técnico.

Apenas uma arma entra em serviço e já se pode prever sua substituição por outra melhor.

Antigamente, o govêrno que preparava uma guerra, ou o chefe chamado a conduzi-la, conhecia perfeitamente dois elementos fundamentais: seu próprio armamento e o de seu inimigo.

O armamento era uma constante, hoje é um elemento variável, suplementar, que se acrescenta a todos aqueles que intervêm na arte da guerra.

Pois um novo gênero de manobra, que poderia ser chamado manobra técnica, está se sobrepondo às manobras estratégicas e táticas. Por outro lado, o aparecimento, agora freqüente, de armas novas nos nossos exércitos e nos do inimigo apresenta problemas difíceis, mais técnicos do que estratégicos e táticos.

A MANOBRA TÉCNICA

O objetivo final da manobra técnica é pôr à disposição dos exércitos o melhor armamento no momento desejado. Este objetivo pode ser precisado, levando-se em consideração os dois fatores seguintes: o inimigo e o tempo disponível.

Se o inimigo é conhecido, trata-se de conhecer seu armamento atual, precisar as possibilidades de sua evolução e de preparar para a época desejada um material melhor que aquele que ele poderá apresentar na mesma data. Se o inimigo futuro não for conhecido ou, o que dá no mesmo, se ele pode ser múltiplo, caso de um país na defensiva, querendo se proteger contra qualquer ataque venha de onde vier, a qualidade do armamento, em qualquer época, não deve ser limitada a não ser pelas possibilidades técnicas e pelos meios existentes para esse fim.

Em tempo de guerra, a duração da manobra deve ser evidentemente reduzida ao mínimo. A inferioridade em armamento deve desaparecer o mais rapidamente possível, sob pena de derrota. Em tempo de paz, pelo contrário, um país de política agressiva, que prepara uma guerra a ser desencadeada em uma determinada área, dispõe de um espaço de tempo determinado. Um país na defensiva, ao contrário, podendo ser atacado a qualquer momento, encontra-se como em plena guerra.

OS MEIOS

Após ter sido prevista a missão, o inimigo, o tempo disponível, é preciso considerar, como em toda procura da idéia de manobra tática, os meios necessários à disposição da manobra técnica.

Eles são importantes e variados. Com efeito, é necessário (e é a causa da aceleração do progresso científico e técnico) para obter sem cessar armamentos novos, apelar-se às técnicas complicadas e aos princípios científicos complexos. Por outro lado, a procura da simplificação na utilização de materiais que variam sem cessar, complica ainda mais o problema. Donde, duas conseqüências que explicam as dificuldades da manobra técnica.

A demora para obtenção dos materiais é considerável. Há duas maneiras diferentes de medir esse prazo, que levam ambas ao mesmo resultado: os americanos contam 10 anos em média entre o momento em que a idéia de um material germina na cabeça de um pesquisador e aquele em que o mesmo torna-se operacional nas unidades. Eles se esforçam, por todos os meios, quase sem êxito, para reduzir esse tempo.

Os franceses contam em média dois a três anos para o estudo de um material, um a dois anos para os ensaios e experiências de toda natureza, um ano a um ano e meio para a fabricação em série, ou seja, cinco anos, em média, entre o início do estudo e a chegada nas unidades.

Então, para se dispor de um material em uma determinada data, é preciso iniciar o estudo cinco anos antes. E para chegar-se ao término dos estudos no tempo desejado, é preciso prever antes todo um plano de pesquisas técnicas, e depois, remontando no tempo, um plano de pesquisas científicas, todas orientadas para as necessidades das forças armadas.

Esses estudos, esses ensaios e essas pesquisas subentendem a existência e o emprego de meios numerosos, em pessoal (sábios, pesquisadores técnicos, engenheiros, técnicos de toda espécie, oficiais especializados) e em material (laboratórios, laboratórios de estudos, meios de ensaios, e meios industriais), com o fornecimento de energia e matérias-primas adequadas.

Estes meios estão, entretanto, todos condicionados às possibilidades financeiras. É preciso notar que as noções de tempo e de meios postos à disposição são essencialmente diferentes na paz e na guerra. Em tempo de paz, as delongas são em geral incompreensíveis, menos nos países de economia socialista ou nas ditaduras. Quanto aos meios, estão estritamente limitados pelo teto do orçamento militar.

Em tempo de guerra ou de crise grave, pelo contrário, as necessidades da defesa nacional são prioritárias em todos os escalões: as delongas podem então ser consideravelmente reduzidas. Por outro lado, os meios inicialmente previstos poderão ser aumentados, não sendo satisfeito grande número de necessidades civis.

ESTABELECEMOS UM COMPROMISSO

Qualquer que seja a comparação dos objetivos buscados e dos meios que se dispõe, ela conduz a um compromisso geral que é idéia de manobra técnica. O estabelecimento deste compromisso é muito complexo. Para esclarecê-lo, citamos dois exemplos:

— **Renúncia à modernização numa categoria de materiais.** Pode-se aceitar, por exemplo, esperar obter o domínio aéreo sobre o campo de batalha com os meios aéreos e renunciar à modernização da DCA. Pode-se, entretanto, ir mais longe ainda neste caminho e suprimir a totalidade das unidades de defesa antiaérea, o que redundaria em economias de pessoal e material, de infraestrutura e de instrução.

— **Uma parada na modernização de categorias de material.** O progresso numa técnica determinada redundaria para o material correspondente na adoção de um ritmo de modernização caracterizado pelo prazo ideal de renovação. Ao expirar esse prazo, as qualidades do novo material são tais que superam os inconvenientes devidos à introdução de um material novo: instrução, emprego, dificuldades logísticas.

Por exemplo, para a eletrônica, é considerado em todos os países que 5 anos é o prazo ideal para a renovação do material, levando-se em conta os progressos técnicos na matéria.

Uma primeira economia pode ser feita aumentando-se este prazo de renovação, alterando-o, por exemplo, de 5 para 8 anos.

Uma segunda economia consistiria em construir, cada 8 anos, somente uma parte do conjunto dos materiais necessários ao equipamento das forças. O Exército ficaria então dotado simultaneamente de vários tipos de materiais de valor desigual. A questão será retomada mais adiante, ao ser estudado o valor dos materiais ultrapassados.

Tudo que foi dito mostra que o compromisso geral não pode ser decidido senão pelos altos escalões, conscientes, graças aos numerosos trabalhos de síntese, do valor do conjunto dos materiais para a conduta da guerra.

O valor de um armamento econômico é muito discutível e, efetivamente, muito discutido. É preciso que o chefe encarregado de fixar o compromisso tenha uma visão clara do problema em seu todo, e uma férrea vontade. Como exemplos de manobras com êxito podem ser citados: Alemanha, 1939; Rússia, 1942.

SEGURANÇA DA MANOBRA

Um ponto, particularmente importante da manobra técnica, merece atenção. Trata-se da segurança. A manobra técnica deve ser feita em segurança. Com efeito, a surpresa técnica pode buscar grandes vantagens. A súbita aparição em massa de um material de novas características redundaria para o inimigo, não somente em inferioridade no plano material, mas também em surpresa em todos os sentidos do termo, que atua no seu moral e pode dar lugar a muito mais importantes consequências, que a simples vantagem técnica considerada não obteria.

O aparecimento do gás, em 1915, das minas magnéticas, em 1939, da bomba atômica, em 1945, constituem exemplos recentes. Esta importância considerável diminui se a surpresa for parcial, se o material em causa for utilizado de maneira progressiva e em pequena quantidade, ou se a sua colocação, no lugar desejado, foi revelada. Foi, particularmente, o caso do emprêgo das V-1 e V-2 pelo Terceiro Reich, em 1944-45. Mas de qualquer modo, a vantagem das novas características é difícil de ser compensada e pode entretanto ser mantida pelo adversário, graças a um esforço normal de modernização.

A segurança da manobra impõe sigilo. Para tentar obter a surpresa, é preciso então manter o sigilo técnico. A idéia é comumente aceita, hoje, em todos os estudos de materiais; mas a complexidade nova destes estudos abrange três espécies de dificuldades:

— Os sábios estão sempre notoriamente aflitos por materializar suas pesquisas e seus sucessos, e são, portanto, pouco inclinados ao si-

gilo. É difícil impedi-los de publicar artigos nas revistas, de fazer comunicação às academias.

— os industriais, tendo aperfeiçoado seus métodos, querem, naturalmente, garantir-se contra a concorrência, nacional ou estrangeira, e desejam tirar patente. Apesar das normas de sigilo, pelo menos provisórias, estas patentes são fontes de indiscrições.

— A necessidade de estudos em comum, no quadro de uma aliança, ou no caso de material nacional muito caro para um só usuário, resulta numa cadeia de visitas, reuniões, demonstrações com os aliados, e às vezes com países neutros, donde podem nascer indiscrições várias. Ao inverso da manutenção do sigilo para surpreender o inimigo, a procura de indícios junto ao adversário é indispensável para evitar a surpresa. É preciso estender a noção clássica de informação à informação científica e técnica. É muito difícil fazer analisar um material complexo por agentes não especializados; é preciso pedir-lhes resposta a questionários técnicos muito precisos.

Por outro lado, a abundância da literatura não restrita e não classificada no domínio científico e técnico oferece possibilidade de revelação das diversas direções da manobra técnica inimiga. Mas a reunião desta literatura, sua tradução, sua leitura para separar o joio do trigo e sua catalogação para as necessidades dos especialistas constitui trabalho hercúleo, que só um grande país, ou um grupo de países, pode empreender com possibilidades de sucesso.

AS REAÇÕES DIANTE DE UM MATERIAL NÓVO, NAS FÔRÇAS AMIGAS

Os problemas que se apresentam nas fôrças amigas são conhecidos desde que o material nôvo está em estudo. Sua solução pode, então, ser longamente estudada. É preciso determiná-la muito tempo antes da colocação em serviço do material nas unidades.

A primeira pergunta que é preciso responder a respeito do material nôvo, é a seguinte: Quem o utilizará? Arma existente, ou a criar. O critério mais antigo utilizado para resolver este problema é o da missão. Considerando a missão prevista para o material nôvo, êle é distribuído à tropa encarregada dessa missão.

Isto não se faz sem dificuldades, porquanto a missão pode ser complexa. Ela pode abranger várias armas ou fôrças armadas e esta pluralidade será a origem de querelas pessoais e de "efervescências". "Para quem o belo brinquedo?" — diz-se a respeito dos mísseis disputados entre as três fôrças armadas.

Em geral, o armamento nôvo, se é importante, caracteriza-se por uma técnica muito evoluída. Um outro critério consiste em se procurar onde se acha a maioria dos técnicos desta especialidade. Este deveria ser o critério determinante hoje em dia. Se o número de técnicos necessários é insuficiente em uma arma ou fôrça armada, seria necessário

procurar criar uma nova arma ou força armada, reunindo todos os técnicos dêste novo ramo. O surgimento da aviação e dos carros de combate, no decorrer da guerra de 1914-1918, e o das comunicações, durante a guerra de 1939-1945, são exemplos disso.

Ao problema da distribuição sucede o do emprêgo do novo material, no quadro dos armamentos existentes. É preciso lembrar, nesta ocasião, que não haveria nenhum progresso no armamento se, ao avanço técnico, não correspondesse uma evolução no emprêgo, não só do novo material, mas também de todos os outros suscetíveis de serem utilizados com êle.

Que as necessidades de emprêgo tenham ou não precedido a melhoria dos materiais, é uma falsa antinomia, como a do armamento e das forças morais. O emprêgo do binômio carros-aviação em 1940 ilustra esta afirmativa.

É ao refletir-se sobre o emprêgo dos novos materiais que surge, adicionalmente, o problema dos materiais ultrapassados. Podem êstes ainda servir ao lado dos novos materiais?

Convém distinguir os materiais antigos cujas performances são simplesmente menores (por exemplo: alcance ou cadência reduzida para os canhões, alcance ou faixas de frequência reduzidas para os aparelhos de comunicações, tempo gasto para utilização dos materiais de transposição), daqueles que não podem mais ser utilizados sob pena de destruição e de que resulta a perda de suas guarnições (carro, avião). O aparecimento, no lado inimigo, de "material misturado" com características melhoradas, elimina do campo de batalha, sob pena de morte, todos os outros materiais da mesma natureza que não têm estas características: o carro com casamata "Grant" em 1943, o Messerschmidt 262, em 1945 (que teria podido, em poucos meses retirar do céu os caças aliados) são ilustrações recentes dêste fenômeno.

O problema não é, entretanto, sempre tão evidente, a não ser nesta luta entre materiais da mesma espécie. O espírito conservador, que mantém mais tempo do que o devido os materiais ultrapassados em lugar dos materiais modernos da mesma natureza, é ainda mais forte quando se trata de um material de espécie diferente que torna sem valor um material antigo. As cargas de cavalaria, em 1914, e os balões de observações, em 1939, foram mantidos além do que se esperava.

DO LADO INIMIGO

Como foi assinalado acima, o aparecimento de um material novo no lado inimigo, na paz, é sobretudo em tempo de guerra, exige uma rápida parada; esta parada pode ser:

— Uma parada técnica, assomando naturalmente ao espírito; ela consiste em incluir, o mais depressa possível, em nosso arsenal, sejam os materiais compatíveis com as novidades do inimigo, sejam os materiais "anti", necessários para fazer frente à sua utilização. Seguida das dificuldades devidas aos prazos para obtenção dos novos armamentos,

apesar das prioridades em tempo de guerra, a parada técnica não pode válidamente ter lugar, a menos que se disponha já dos materiais para o estudo. Apesar disso, os prazos necessários à análise das características técnicas do material inimigo, a adequação das características de nosso próprio material, levando-se em conta estas informações e a construção do material são tais que o material novo inimigo poderá livremente exercer seu efeito durante um prazo de pelo menos alguns meses. Como o inimigo pode utilizar esse prazo para aperfeiçoar igualmente o seu próprio material, conservará êle, indefinidamente, sua vantagem inicial.

O avanço anglo-saxônio em radares, espelêtas de aproximação guerra eletrônica, durante toda a guerra 1939-1945, pode ser apresentado como ilustração das vantagens técnicas mantidas, apesar das paradas técnicas.

A realização do material "anti" pode ser mais fácil, particularmente se se trata de utilizar, para novas missões, um material já existente. Podem ser citados, a título de exemplo, a máscara contra gases, os meios anticarro, em particular a artilharia de campanha empregada nessa missão anticarro.

— **Uma parada tática.** Uma modificação do emprego dos meios existentes pode servir como um paliativo durante um certo tempo, enquanto se aguarda os resultados da pesquisa técnica, enquanto se verificam as dificuldades devidas à aparição do material novo inimigo. Isto será apenas um expediente provisório, pois o inimigo pode, por sua vez, modificar sua própria tática, em consequência de nossas reações. Mas, neste caso, novas paradas podem ser imaginadas, permitindo ganhar ainda um pouco de tempo. A passagem dos alemães aos bombardeios noturnos da Inglaterra, em 1940, para escapar aos radares, a luta dos carros "Sherman" contra os "Panther", em 1944, os ataques sofridos pelos caça-bombardeio Messerschmidt 262 em seus aeródromos, em 1945, — São exemplos de paradas táticas contra um material moderno sem seu equivalente técnico.

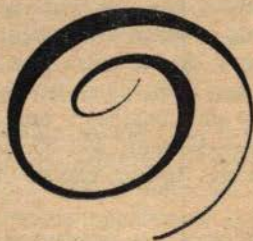
— **Uma parada estratégica.** A destruição sistemática dos meios de estudo, de ensaios, de produção, de transporte do novo material, pode resultar na suspensão dos efeitos da surpresa técnica, ou pelo menos impedir que ela lance todo o seu peso: a luta contra as V-1 e V-2, em 1945, é o mais perfeito exemplo, pois que influiu sobre as grandes decisões militares do fim da segunda guerra mundial.

O exemplo da reação alemã contra a introdução dos carros pelas tropas franco-britânicas, em 1917, ilustra a utilização, coroada de êxito, de todas as paradas que podem ser opostas à surpresa em matéria de armamento. Se a guerra futura fôr, como se admite comumente, uma guerra curta, será impossível, por falta de tempo, aplicar as diversas paradas enumeradas acima. A vantagem técnica, no início do conflito, poderá ser determinante. Entretanto, um período de crise grave, precedente o conflito, poderá diminuir os efeitos, se as condições dos estudos em curso o permitirem.

CONCLUSÃO

A manobra técnica a ser realizada atualmente deve levar em conta os progressos científicos e técnicos que conservam sempre o mesmo ritmo. A guerra fria entre os dois grandes resulta inevitavelmente numa corrida de armamentos, que se aplica a tôdas as grandes nações mundiais. Ela é particularmente pesada para o nosso país, colocado em uma posição difícil, pois deseja ser capaz de se defender sozinho e apenas dispõe de meios limitados.

São, sem dúvida, meios humanos o que a França pode fornecer, de mais valioso, sábios e pesquisadores, engenheiros e oficiais especializados. Dentre êstes últimos, os oficiais técnicos, no âmbito da técnica e do emprêgo, serão os conselheiros do Comando em matéria de manobra técnica. Mas os Chefes de hoje e de amanhã deverão êles próprios conhecer a fundo as características da manobra técnica, para poder estabelecer os compromissos difíceis que a orientarão. Êles deverão ser capazes também de determinar a tempo as características dos materiais futuros e adaptar o mais rápido possível a doutrina a ser posta a serviço de uma nova arma, ou no caso de seu aparecimento súbito no lado inimigo.



VOCÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para a **DEFESA NACIONAL**, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCÊ.